

Contributos Práticos para Operacionalização do Kin-Ball na Escola - Sílvia Gouveia; Joana Teixeira; Joana Simões; Helder Lopes

O Kin-Ball na Escola

Kin-Ball at School

Sílvia Gouveia ^{1;2}; Joana Simões ¹; Miguel Nóbrega ²; Joana Teixeira ^{1;2}; Helder Lopes ¹

¹ Faculdade de Ciências Sociais, Universidade da Madeira, ² Escola Secundária de Francisco Franco

Resumo

Nos dias que correm deparamo-nos com várias problemáticas associadas à escola atual, mais especificamente à abordagem sistemática dos mesmos Desportos Coletivos, ao longo dos diferentes ciclos de ensino, que por vezes se apresentam trabalhados de modo precário nas aulas de Educação Física.

Neste contexto e atendendo a que esta disciplina é um meio privilegiado para aplicação de novas metodologias e instrumentos que visem o desenvolvimento holístico e integral dos alunos, propomos a abordagem do Kin-ball como matéria alternativa às que já são instituídas.

É de referir que esta apesar de solicitar o mesmo tipo de comportamentos implícitos nos Desportos Coletivos, surge como uma ferramenta pedagógica eclética, de fácil adaptação aos espaços e que possibilita ao Professor jogar com aspetos motivacionais dos seus alunos, relacionados, por exemplo, com as grandes dimensões da bola.

Contudo e apesar de reconhecermos o potencial da introdução de novas matérias de ensino nas aulas de Educação Física, estas não podem ser um pretexto para que tudo fique basicamente na mesma. É fundamental que sejam selecionadas para dar resposta às necessidades dos alunos e aos comportamentos que queremos solicitar, para que existam as transformações que se pretendem e não porque “estão na moda” ou “são giras e diferentes”.

Palavras-chave: Educação Física, Desportos Coletivos, Kin-ball, Cooperação

Abstract

These days we are faced with several problems associated with the current school, more specifically the systematic approach of the same Collective Sports, throughout the different teaching cycles, which are sometimes presented precariously in Physical Education classes.

In this context and considering that this discipline is a privileged means for the application of new methodologies and instruments that aim at the holistic and integral

development of the students, we propose to approach Kin-ball as an alternative to those that are already instituted.

It is worth mentioning that, despite asking for the same behaviors implicit in Collective Sports, it emerges as an eclectic pedagogical tool that is easy to adapt to the spaces and that enables the Professor to play with his students' motivational aspects related to the great dimensions of the ball.

However, while we recognize the potential of introducing new teaching materials in Physical Education classes, these can not be a pretext for everything to remain exactly the same. It is fundamental that they be selected to respond to the needs of the students and the behaviors that we want to ask for, so that the transformations are intended and not because they are "in fashion" or "they are different tours".

Key Words: Physical Education, Collective Sports, Kin-ball, Cooperation

Introdução

A escola vinculada ao conceito de organização tem-se constituído, ao longo dos últimos tempos, como uma área de grande discussão e reflexão no que se refere à lógica evolutiva do pensamento educacional. É de referir que esta é considerada como um local de “*investimento privilegiado dos reformadores e dos políticos da educação (...)*”, bem como, contexto próprio de inovação pedagógica e de requalificação das práticas educativas (Costa, 2003, p. 7).

Contudo e olhando o paradigma da escola atual, percebemos que embora se fale em evolução e mudança, se tenham mudado os tempos e as pessoas, ainda mantemos um sistema de ensino centrado nos professores, bem como nas matérias transmitidas que são de carácter determinista, limitador da pesquisa, da autonomia, do pensamento crítico e da criatividade.

Perante o que até aqui alegamos, parece-nos que a lógica envolta no conceito de escola, foge às necessidades da sociedade vigente, já que esta se apresenta sedenta de uma educação que ambiciona o desenvolvimento das capacidades e potencialidades individuais e que acima de tudo “*exija o domínio de metodologias e de instrumentos de forma aberta e não determinista (...)*” (Lopes & Fernando, 2016, p. 6).

Para além do já referido, torna-se importante enfatizar que o processo de educação tem por finalidade o desenvolvimento holístico e integral do Homem, estando à responsabilidade dos docentes adequarem os instrumentos e ferramentas àquilo que pretendem transformar nesse tipo de indivíduo. Enquadrada neste contexto, surge então a Educação Física (EF), como um meio privilegiado para transformar os jovens e crianças nos diferentes domínios: cognitivo, socio-afetivo e psicomotor (Jacinto, Comédias, Mira, & Carvalho, 2001).

Neste âmbito, acrescentamos que a EF surge como disciplina curricular, aberta e dinâmica (CNAPEF, 2002), e que se integra no Programa Nacional Educativo, ostentando um programa nacional próprio (PNEF), que surge como linha orientadora organizada de forma flexível e ajustada a cada realidade escolar (Jacinto, Comédias, Mira, & Carvalho, 2001), possibilitando aos professores atingirem os objetivos de final de ciclo com os seus alunos, caso o tentem cumprir.

Recordemos que o PNEF efetua a especificação das matérias em nucleares essencialmente para assegurar a homogeneidade do currículo entre as escolas, deixando um conjunto de matérias alternativas ao critério dos docentes, garantindo a parte flexível do mesmo. No sentido que permite ao professor selecionar outras matérias que considere fundamentais e que o auxiliem no alcance dos objetivos de final de ciclo, tendo em conta: as motivações e necessidades dos alunos, os contextos locais, dando também oportunidade de se potencializar as características próprias ou condicionalismos existentes em cada escola.

Desta forma e apoiados também na visão de Abreu, Félix, Carvalho e Correia (2014), é fundamental proporcionar aos alunos um conjunto diversificado de experiências no que se refere à multiplicidade de matérias de ensino, de modo a que os próprios alunos possam desenvolver o seu repertório de habilidades motoras, sem que estejam limitados aos comportamentos solicitados na abordagem sistemática das mesmas modalidades.

Todavia e retomando a ideia do sistema educativo atual, *“as soluções e opções utilizadas não parecem ser promotoras [dessas] mudanças [nem] facilitadoras de uma aprendizagem personalizada”* (Simões, Fernando & Lopes, 2014), já que continuamos a nos debruçar sobre a mesma problemática ou nas mesmas lógicas educacionais. A título de exemplo surge a abordagem sistemática dos mesmos Desportos Coletivos (DC), ao longo dos diferentes ciclos de ensino, que por vezes se apresentam trabalhados com pouca eficiência, despoletando pouco interesse entre os alunos, nas aulas de EF.

Assim e atendendo a que esta disciplina é um meio privilegiado para aplicação de novas metodologias e instrumentos que visem o desenvolvimento integral dos alunos, defendemos que a mudança paradigmática possa começar a partir desta. Por esse motivo propomos, ao longo deste trabalho, a abordagem do Kin-ball como matéria alternativa às que já são instituídas, não por considerarmos que “esta se encontre na moda” ou “seja gira”, como veremos posteriormente.

É de salientar que esta apesar de solicitar o mesmo tipo de comportamentos implícitos nos DC, surge como uma ferramenta pedagógica eclética, de fácil adaptação aos espaços e que possibilita ao professor jogar com aspetos motivacionais dos seus alunos, relacionados com as grandes dimensões que a bola apresenta.

Desenvolvimento

O Kin-Ball na Escola

Sendo o Kin-ball um DC recente a nível Nacional surge ainda pouco reconhecido dentro do espaço escolar. Contudo em países como o Canadá, Estados Unidos e o Japão, esta matéria de ensino emerge com maior reconhecimento social no que se refere ao seu valor pedagógico (Unidade Didática Kin-ball, s.d.). É neste âmbito escolar que pensamos que esta pode ser utilizada como desbloqueadora de certas resistências e assumir um valor acrescentado na solicitação de comportamentos implícitos nas modalidades coletivas.

Atendendo à Taxonomia proposta por Almada *et al.*, (2008), o Kin-ball insere-se no Modelo dos DC, já que leva os alunos a realizarem uma divisão do trabalho pelos diferentes elementos do grupo, implicando, assim, o bom desempenho das tarefas específicas que cada um tem de desenvolver afim de haver uma coordenação eficaz destas em grupo (dinâmica de grupo). É nesta perspetiva que os autores supracitados defendem a compreensão e gestão desta matéria de ensino através do Modelo Simplificado dos DC: $t \geq t'$ (t - o tempo da ação ofensiva; t' - o tempo da ação defensiva).

Dotado de grande valor pedagógico, como anteriormente tínhamos mencionado, o Kin-ball intervém no domínio cognitivo, social e físico motor dos indivíduos, sendo um meio privilegiado para o desenvolvimento holístico dos alunos (Ariza, 2015). Apresentando para além do já referido um conjunto de outras vantagens educativas, das quais se destacam:

Desenvolvimento das relações socio-afetivas dos alunos (ações de cooperação);

Fomentação do respeito pelo o outro;

Auxílio no controlo da violência física, bem como na abolição do individualismo (cumprimento das regras que proíbem o contato físico);

Estimulação do espírito da equipa, da tomada de decisão, da concentração e das capacidades físicas (velocidade de reação, coordenação, força, perceção visual e espacial);

Motivação entre os alunos aquando da sua execução (acessibilidade técnica e dimensões da bola);

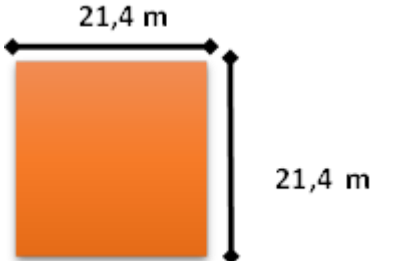
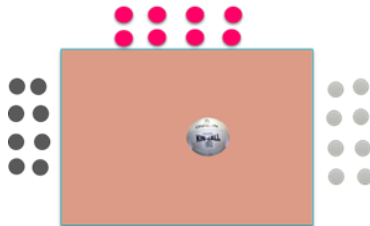

Possibilidade de ser jogado entre equipas mistas (ecléctico);

Facilitação na adaptação aos espaços (polivalente).

Caraterísticas do Jogo

O Kin-ball pratica-se atendendo a algumas particularidades inerentes ao terreno de jogo, aos participantes, ao objeto de jogo, bem como tendo em conta o seu objetivo, tal como observamos na tabela 1:

Tabela 2: Características do jogo

Terreno de jogo: quadrado	Participantes: 3 equipas de 8 elementos cada (4 efetivos e 4 suplentes)	Objeto de jogo: Uma bola com 1,22 cm de diâmetro com aproximadamente 1kg
		
Objetivo do jogo		
Atacantes	Defensores	
<p>Mencionar uma das 2 equipas para atacar;</p> <p>Lançar a bola (serviço) numa distância mínima horizontal igual ao seu diâmetro.</p>	<p>Sustentar a bola enviada pela equipa atacante antes que contate o solo;</p> <p>Podendo sustentar com qualquer parte do corpo.</p>	

(Unidade Didática Kin-ball, s.d.)

Tendo em conta o que temos vindo a referenciar e apesar do seu rico valor educativo e do cumprimento de alguns objetivos gerais de final de ciclo de EF, o Kin-ball, parece ser ainda uma modalidade pouco popular no âmbito nacional e por esse motivo surge entre os professores como uma matéria de difícil domínio e de elevada complexidade para abordar nas aulas. Atendendo a esta dificuldade, propomos de seguida algumas estratégias pedagógicas de modo a facilitar a utilização desta matéria de ensino nas aulas. Todavia importa salientar que estas são meros exemplos, cabendo a cada catalisador do processo ensino-aprendizagem adequar as suas escolhas e intervenções ao contexto que lhe é apresentado.

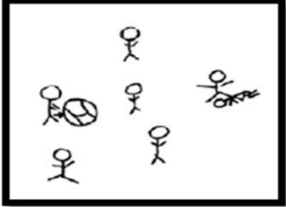
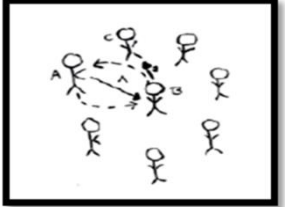
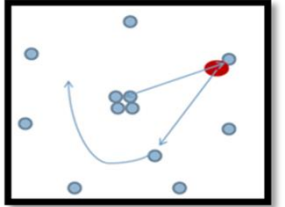
Propostas de Operacionalização do Kin-ball nas Aulas de EF

Proposta 1 – Entrada em Ação na Aula

Para a primeira proposta sugerimos se recorrer a distribuição do número de horas de DC pelo ano letivo, utilizando os 15 minutos iniciais de algumas aulas como forma de ativação

cardiovascular. Nestes poderemos efetuar exercícios que solicitem algumas componentes de controlo e manipulação da bola, deslocamentos e montagem de estratégias (conseguir agarrar a bola em equipa), como se sugere na tabela 2.

Tabela 3: Exemplos de exercícios para entrada em ação na aula

Apanhada com bola	Jogo dos 10 passes	Jogo do ratinho
		

Proposta 2 – Aulas de 45 minutos ou de 90 minutos

No que respeita à segunda proposta, consideramos que o Kin-ball pode ser lecionado juntamente com outras matérias de ensino, na mesma aula, seguindo uma dinâmica de aulas politemáticas, onde o professor pode escolher se pretende solicitar características semelhantes ou diferentes entre as matérias de ensino. Podendo efetuar estas sessões através de diferentes organizações da turma, ou seja, trabalhando por estações (alunos executam num tempo limitado tarefas diferentes, em matérias distintas ou semelhantes), percursos (os alunos perfazem um conjunto de tarefas de matérias distintas ou semelhantes em circuito) ou em blocos (os alunos perfazem em simultâneo o mesmo tipo de tarefa, espalhados pelo recinto).

Contudo as aulas podem também surgir com um carácter monotemático, apresentando exercícios como os ilustrados nas tabelas 3 e 4:

Tabela 4: Exemplos de exercícios para uma aula monotemáticas

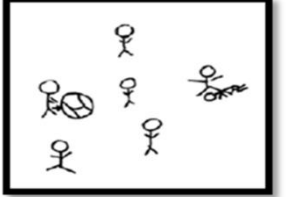
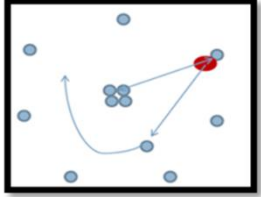
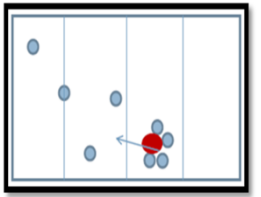
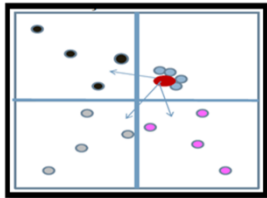
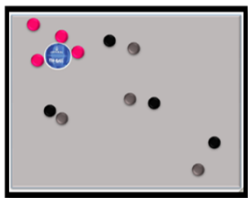
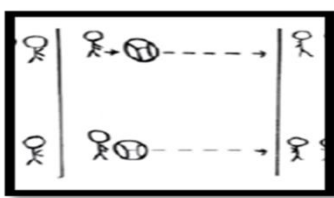
Entrada em ação	Desenvolvimento da aula	
Jogos Lúdicos (Apanhadas com bola)	Manipulação e Sustentação (jogo do ratinho)	Lançamentos e receções em díade (y)
		

Tabela 5: Continuação da proposta de exercícios para a aula monotematica


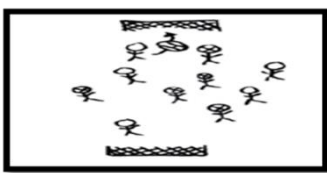
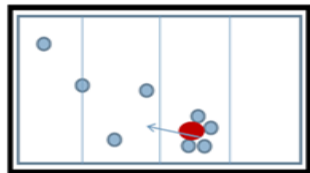
Desenvolvimento da aula		Parte Final
Jogos Reduzidos/ Condicionados (Jogo de “voleibol”)	Jogo Formal (4x4x4)	Capacidades Físicas e Condicionais (estafetas)
		

Proposta 3 – Parte Final da Aula

Numa última perspetiva e seguindo uma lógica idêntica à da primeira, propomos a utilização dos 15 minutos finais de algumas aulas como forma de trabalhar algumas capacidades físicas e condicionais (como a força, velocidade de reação e a resistência).

Para tal sugerimos alguns exemplos de exercícios que levem os alunos a aplicar os diferentes lançamentos, equacionando os diferentes ângulos, velocidades e alturas de saída que a bola pode tomar com a aplicação da força, bem como potenciar tempos de reação distintos (estafetas com bola e jogos reduzidos), como podemos ver na tabela 5:

Tabela 6: Exemplos de exercícios para a parte final da aula

Estafetas com bola	Jogos Reduzidos	Lançamentos e recepções em diáde (y)
		

Considerações Finais

Considerando o exposto, é importante consciencializarmo-nos que não basta que se efetuem alguns arranjos pontuais ou que se introduzam novas matérias, conteúdos e meios tecnológicos, ou que se alterem regulamentos e normas, para que o sistema educativo atual mude.

O que é primordial é a alteração de paradigma, ou se preferirmos, transformação da base de suporte do ensino, no sentido em que cabe a cada professor/ educador criar as condições essenciais para fazer a rotura, passando de um ensino centrado nas matérias e nos docentes para um ensino centrado no aluno/ educando (Lopes, Prudente & Vicente, 2014).

Por outras palavras, dadas estas propostas de operacionalização e apesar de reconhecermos o potencial da introdução de novas matérias de ensino nas aulas de EF, como é o caso do Kin-ball, gostaríamos de salientar que não se trata de “fazer alguma coisa nova para que tudo fique na mesma”.

É fundamental que as matérias de ensino sejam selecionadas para dar resposta às necessidades dos alunos e aos comportamentos que queremos solicitar para que existam as transformações que se pretendem e não porque “estão na moda” ou “são giras e diferentes”.

Referências Bibliográficas

Abreu, E., Félix, L., Carvalho, M. & Correia, A. (2014). *Matérias Alternativas: Potencialidades e Equívocos – Basebol e Canoagem*. In Lopes, H., Gouveia, E., Alves, R. & Correia, A. (2014). *Problemáticas da Educação Física I*. Universidade da Madeira, Funchal, Portugal.

Almada, F., Fernando, C., Lopes, H., Vicente, A., Vitória, M. (2008). *A Rotura. A Sistemática das Atividades Desportivas*. Torres Novas: Edição VML, pp. (250 – 251).

Ariza A. (2015), *Revista Digital Inesem*. Kin-ball: un nuevo deporte que fomenta el espíritu desportivo. Recuperado de: <http://revistadigital.inesem.es/biosanitario/kin-ball-el-deporte-que-fomenta-el-espíritu-deportivo/>

Conselho Nacional das Associações de Professores e Profissionais de Educação Física – CNAPEF. (2002). *Dez anos após a reforma – Perspetivas para a Educação Física e o Desporto Escolar*. Carta Aberta – abril.

Costa, J. (2003). *Imagens organizacionais da escola (3ª edição)*. Porto: ASA Editores.

Lopes, H., & Fernando, C. (2016). *Escolas de hoje . Europa do futuro*. Artigo novembro, pp. (5-9).

Lopes, H., Prudente, J., & Vicente, A. (2014). *Uma Mudança Coerente no Ensino Superior – A Ferramenta Processo Pedagógico*. *Revista da SCPD*, Vol. (5), pp. (55–60).

Jacinto, J., Comédias, J., Mira, J. & Carvalho, L. (2001). *Programa Educação Física (Reajustamento)*. Consultado a 25 de novembro de 2016 em: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/eb_ef_programa_3c.pdf.

Simões, J., Fernando, C. & Lopes, H. (2014). Avaliar em Educação Física – A Necessidade de um Quadro Conceptual. In Lopes, H., Gouveia, E., Alves, R. & Correia, A. (2014). Problemáticas da Educação Física I. Universidade da Madeira, Funchal, Portugal.

Unidade Didática Kin-ball (s.d.). Ações de Formação. Consultado a 25 de novembro de 2016, em: http://www.gamesandfun.pt/Imgs/ud_kin-ball.pdf.